



**Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen**  
(Organizadora)

# Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências 3

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen  
(Organizadora)

# Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências 3

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Rafael Sandrini Filho  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C741	Comunicação e jornalismo: conceitos e tendências 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-388-0 DOI 10.22533/at.ed.880191206  1. Comunicação social. 2. Democratização da mídia. 3. Jornalismo. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu Torres. II. Série.  CDD 303.4833
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## APRESENTAÇÃO

Este e-book apresenta uma série de pesquisas sobre o papel do jornalismo na sociedade e as mudanças que ocorreram na comunicação ao longo da história a partir do ambiente virtual e das novas ferramentas tecnológicas. Neste volume, o leitor poderá compreender as características dos textos publicados nos jornais no início do século XX, época em que o ofício se dividia entre o jornalismo e a literatura.

Dentre os estudos, autores discutem a dimensão crítica, especificamente a jornalística, na formação de cidadãos mais conscientes em relação às mídias e trazem a diferenciação entre os termos alfabetização midiática, mídia-educação e educomunicação. Ao encontro deste tema, outra pesquisa analisa a contribuição do ombudsman na elucidação de um fato socialmente relevante.

Artigos abordam a prática jornalística contemporânea neste momento de pós-verdade e a sua adaptação às novas plataformas, assim como, revelam a transformação nos modos de produção impulsionada pela internet e o uso de big data. Além disso, também é possível compreender como o jornalismo se apropria de conversações, interações e mensagens que circulam em sites de redes sociais para a construção da notícia. Esta obra reúne reflexões teóricas importantes para aqueles que são pesquisadores, profissionais e estudantes da área.

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONTRIBUIÇÃO DA COLUNA DE <i>OMBUDSMAN</i> PARA A COMPREENSÃO DO ACONTECIMENTO NO CASO DA MORTE DO REITOR CANCELLIER	
Diana de Azeredo	
DOI 10.22533/at.ed.8801912061	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A CRÍTICA DA MÍDIA ATRAVÉS DAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS	
Cristine Rahmeier Marquette	
DOI 10.22533/at.ed.8801912062	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
AGÊNCIAS INDEPENDENTES DE JORNALISMO E A PRÁTICA DO BIG DATA: CREDIBILIDADE E REVITALIZAÇÃO DO ETHOS PROFISSIONAL	
Leonel Azevedo de Aguiar	
Claudia Miranda Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.8801912063	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
APONTAMENTOS SOBRE O CONCEITO DE ETNOJORNALISMO	
Mônica Panis Kaseker	
DOI 10.22533/at.ed.8801912064	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
ENGAJAMENTO E CIDADANIA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PRODUÇÃO NARRATIVA DO SOS IMPRENSA	
Ana Carolina Kalume Maranhão	
Marcos Amorozo	
Rafiza Varão	
DOI 10.22533/at.ed.8801912065	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>57</b>
JORNALISMO E LITERATURA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: UMA LEITURA COMPARATIVA ENTRE LIVROS E REPORTAGENS DE JOÃO DO RIO	
Aline da Silva Novaes	
DOI 10.22533/at.ed.8801912066	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>69</b>
NOTÍCIAS ELABORADAS A PARTIR DE SITES DE REDES SOCIAIS NO CASO MARIELLE FRANCO	
Ingrid Cristina dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8801912067	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>80</b>
PÓS-VERDADE E FAKE NEWS: O JORNALISMO NA CONTEMPORANEIDADE	
João Marcos Maia de Santana da França	
Mayara Souza Suzart	
Daniela Costa Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.8801912068	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>88</b>
PROCESSOS DE CONVERGÊNCIA E REORGANIZAÇÃO EM REDAÇÕES JORNALÍSTICAS: UM OLHAR SOBRE A ESTRUTURA E A PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS EM CIBERMEIOS BRASILEIROS	
<a href="#">Jonas Gonçalves</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8801912069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>100</b>
SOBRE AS CAPAS: NOTÍCIAS E PRODUTOS À VENDA NA PRIMEIRA PÁGINA	
<a href="#">Karenine Miracelly Rocha da Cunha</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.88019120610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>113</b>
VISÕES MÍTICAS NA POÉTICA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN E O EFEITO CASSANDRA EM DISCURSOS MIDIÁTICOS	
<a href="#">Gisele Centenaro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.88019120611</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>134</b>

## JORNALISMO E LITERATURA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: UMA LEITURA COMPARATIVA ENTRE LIVROS E REPORTAGENS DE JOÃO DO RIO

**Aline da Silva Novaes**

Centro Universitário Ibmecc-RJ/ Universidade  
Estácio de Sá  
Rio de Janeiro

**RESUMO:** Este artigo volta-se para o início do século XX, época em que os textos publicados em jornais eram escritos pelos “homens das letras”, cujo ofício se dividia entre o jornalismo e a literatura. Busca-se, portanto, destacar a relevância do jornalismo, que construía sua própria linguagem, e do escritor, que se travestia de repórter para narrar os acontecimentos de uma época caracterizada por mudanças, tensões e contradições. A partir disso, nosso foco será realizar um estudo comparativo de reportagens e livros publicados por João do Rio, pseudônimo utilizado por Paulo Barreto. Ao não se limitar a transferir seus textos – ainda que homônimos – de um suporte para outro, acredita-se que João do Rio marcou sua posição como homem de imprensa e como escritor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Jornalismo e Literatura; João do Rio; livro-reportagem; jornalista-escritor.

### JOURNALISM AND LITERATURE AT THE BEGINNING OF THE TWENTIETH CENTURY: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN BOOKS AND REPORTS BY JOÃO DO RIO

**ABSTRACT:** This article focuses on the early twentieth century, a period in which texts published in newspapers were written by the “men of letters,” whose office was divided between journalism and literature. It seeks, therefore, to highlight the relevance of journalism, which constructed its own language, and the writer, who transforms himself as a reporter to narrate the events of an era characterized by changes, tensions and contradictions. From this, our focus will be on a comparative study of articles and books published by João do Rio, a pseudonym used by Paulo Barreto. Since João do Rio did not simply transfer his texts – though homonyms – from one support to another, it is believed that he marked his position as a press man and as a writer.

**KEYWORDS:** Journalism; Journalism and Literature; João do Rio; report book; journalist-writer.

### 1 | INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta algumas reflexões suscitadas durante meu pós-doutorado,



realizado no Departamento de Letras da PUC-Rio, com financiamento do CNPq. É importante salientar que se trata de uma pesquisa interdisciplinar dos campos de conhecimento Jornalismo e Literatura. Essa relação está presente, também, em minha formação acadêmica: sou bacharel em Jornalismo e licenciada em Letras, com mestrado em Comunicação Social e doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade. Essa formação me estimula a trabalhar com questões que conectam os dois campos. E assim será neste artigo ao analisar a série *As religiões no Rio* e as colunas *Pall-Mall Rio* e *Os dias passam...*, publicadas em jornais, comparando-as com os livros homônimos, produções de Paulo Barreto.

É inegável que, em um primeiro momento, os livros do autor parecem ser simplesmente a reunião de textos publicados nas colunas e série de títulos semelhantes, o que estimula a investigação. No entanto, um estudo aprofundado revela distanciamento entre as publicações. Nesse sentido, surgem alguns questionamentos: quais as diferenças entre as produções jornalísticas e literárias? Quais os critérios adotados pelo escritor para a não inserção (e inserção) de textos de jornais em livros homônimos? O que Paulo Barreto entende por jornalismo e por ser jornalista? E em relação à literatura e ao ofício de escritor?

Com a intenção de investigar as questões levantadas nesta breve apresentação, a proposta é, inicialmente, compreender o marco temporal deste estudo e a importância de João do Rio nesse contexto, bem como de seu exercício enquanto jornalista e escritor. Em seguida, realizaremos uma análise dos *corpora* selecionados. O objetivo é perceber as aproximações e distanciamentos entre o jornalismo e a literatura no início do século XX a partir de um estudo comparativo entre os textos jornalísticos publicados em jornais da época e livros-reportagem de títulos semelhantes.

## 2 | O RIO E PAULO BARRETO OU O RIO DE PAULO BARRETO

O final do século XIX e início do XX, denominado pelo historiador Eric Hobsbawm de período finissecular, foi um momento de profundas mudanças urbanas, sociais, culturais e políticas em diversas partes no mundo. No que se refere ao Brasil, o Rio de Janeiro, a então Capital Federal, passava pelo “bota-abaixo”, uma tentativa de fazer da cidade uma Paris. Essas operações que visavam à transformação de uma cidade colonial em uma urbe moderna foram idealizadas pelo antigo prefeito Pereira Passos. A intenção era adequar o Rio de Janeiro a uma nova organização do próprio espaço, mas também social.

No tocante à literatura e ao jornalismo, pode-se afirmar que a cidade já se revelava um lugar fértil para os escritores, Machado de Assis acabara de fundar a Academia Brasileira de Letras, em 1896. Foi grande também o número de produções presente nos periódicos da época. Nesse sentido, vale ressaltar que eram os “homens das letras” que escreviam nos jornais (Machado de Assis, José de Alencar, apenas para citar alguns nomes). João do Rio, atento às questões de seu tempo, indaga em

sua série *O momento literário*, publicada na *Gazeta de Notícias*, de 13 de março a 28 de maio de 1905: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é bom ou mau para a arte literária?”. A partir dessa enquete, derivam outras questões como, por exemplo, o exercício da escrita, a influência de autores em produções da época e o próprio momento literário.

João Paulo Alberto Coelho Barreto, nome de batismo do escritor, nasceu no Rio de Janeiro em cinco de agosto de 1881 e estreou na imprensa antes de completar seus 18 anos. Durante a carreira profissional, além dos 26 livros publicados, colaborou em diversos jornais e revistas da época. Em seus textos, abordava diversos assuntos. A peculiaridade, no entanto, deu-se em virtude dos relatos que fazia da cidade incorporada na denominação que o eternizou: João do Rio. Esse pseudônimo, João do Rio, aparece pela primeira vez em 26 de novembro de 1903 na página da *Gazeta de Notícias* com a publicação do texto intitulado “O Brasil lê”. Estudiosos da obra do escritor apontam que a inspiração seria Jean Lorrain, do francês Paul Duval. A certeza é a de que “Daí por diante, o nome que fixa a identidade literária engole Paulo Barreto. Sob essa máscara publicará todos os seus livros e é como granjeia fama. Junta ao nome o nome da cidade” (GOMES, 2005, p. 17).

É o espaço urbano, “campo da própria significação”, como refletiu Julio Ramos em *Desencontros da Modernidade na América Latina* (2008), que Paulo Barreto trazia em seu pseudônimo, que acabou por o eternizar. A cidade seduzia o escritor, que era também repórter, e o convidava para vagar sem destino pelas ruas. Eis aqui o motivo da sedução e a razão dos textos já marcados pelo que, anos depois, a Teoria do Jornalismo concebeu como critérios de noticiabilidade.

O fato é que, para assinar suas publicações, Paulo Barreto pouco usou seu nome de batismo, optava pelos fictícios. Essa adoção de pseudônimos marca com veemência a multiplicidade do escritor, que: “Disperso em seus duplos, multiplicou-se em nomes falsos para ver as facetas também múltiplas duma cidade que se impostava de moderna e escondia seus escombros” (GOMES, 1996, p. 109). Nesse sentido, vale registrar algumas observações a respeito de sua produção. A coluna *Cinematographo* era assinada por Joe e a obra homônima por João do Rio. Com o último, publicou todos os seus livros, além de algumas séries e colunas, por exemplo, *As religiões no Rio* e *O Momento Literário*. Para escrever a coluna *Pall-Mall Rio*, usava o nome José Antônio José. Em *A profissão de Jacques Pedreira* (1911), Godofredo de Alencar é personagem da narrativa e, anos depois, marca presença no título de *Crônicas e frases de Godofredo de Alencar* (1916).

Neste momento, não é pretensão deste texto esgotar os exemplos tampouco analisá-los, mas sim iniciar a discussão a respeito de um assunto que os permeia: a autoria. Surgem, então, questões fundamentais para serem pensadas: o escritor João do Rio destruiu a voz do jornalista Paulo Barreto?; quais são os diferentes “eus” que lhe servem como máscaras?; de quem falamos quando falamos de João do Rio?; do repórter ou do escritor?

Roland Barthes no ensaio intitulado “A morte do autor” (1984) parte da novela *Sarrasine* escrita por Balzac para dar início à discussão a respeito do papel daquele que escreve. Pergunta, então, quem estaria falando sobre o “castrado disfarçado de mulher” (BARTHES, 1984, p. 65) e logo aponta: “Jamais será possível saber, pela simples razão que a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo aonde foge o nosso sujeito, o branco-e-preto onde vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve” (Ibidem, p. 65). Compreende-se, a respeito do pensamento de Barthes, que a escritura só se inicia quando a voz perde a sua própria origem, ocorre assim o que ele denomina “morte do autor”. É dessa forma que o filósofo francês questiona a importância dada à autoria.

Nessa mesma perspectiva, Michel Foucault, em 1969, apresenta sua comunicação na *Société Française de Philosophie*, publicada no mesmo ano no *Bulletin de La Société Française de Philosophie* sob o título “Qu’est-ce qu’un auteur?”. Primeiramente, compete ressaltar que o filósofo discorre acerca do autor em um sentido restrito, “entendido como autor de um texto, de um livro ou de uma obra a quem se pode legitimamente atribuir a produção” (FOUCAULT, 1992, p. 33). As questões iniciais se fundamentam na individualização do autor na cultura, no estatuto que lhe foi atribuído, na relação homem e obra, texto e autor que, por inúmeras vezes, transcende o momento da escrita.

Assim como Barthes, Foucault defende a ideia de que o ato de escrever não requer uma exaltação e encara esse processo de forma natural, do qual o sujeito da escrita deve, sim, desaparecer. Sobre isso, afirma: “A obra que tinha o dever de conferir a imortalidade passou a ter o direito de matar, de ser a assassina do seu autor” (Ibidem, p. 36), a marca do escritor se torna, portanto, sua própria ausência. Trata-se do desaparecimento, da morte do autor. Os textos, acrescenta o teórico, quaisquer que sejam, comportam uma pluralidade de “eus” e a função do autor não se fundamenta sequer em um destes. O exercício do autor se dá no deslocamento desses “eus” simultâneos.

Em *Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*, Michel Schneider questiona: “De que é feita uma pessoa?”. E conclui: “Migalhas de identificação, imagens incorporadas, traços assimilados, tudo (se é que se pode dizer assim) formando uma ficção que se chama eu”.

No caso do nosso jornalista-escritor ou escritor-jornalista, como coloca Carlos Drummond de Andrade em crônica intitulada *João do Rio na vitrina*, publicada em 13 de agosto de 1981, em sua coluna no “Caderno B”, no *Jornal do Brasil*, a ficção se chama João do Rio e se desdobra em muitas outras. São elas: P. B.; Claude; José Antônio José; Joe; Godofredo de Alencar; X.; X. de J.; P.; Paulo Alberto; José; Paulo José; Simeão; Máscara Negra; João Coelho; Caran D’Ache; Z.; Flaming. Alguns nomes existiram por anos, outros por pouco tempo, como por exemplo, Simeão, que assinou textos publicados na *Gazeta de Notícias* de outubro de 1909 a fevereiro de

1910, e Máscara Negra, autor da coluna “Notas de Teatro”, publicada em 1918 no *Rio-Jornal*. É com Máscara Negra, em quatro de abril de 1918, que Paulo Barreto se despede da multiplicidade de máscaras. Depois, opta por assumir exclusivamente a identidade que criou para si: João do Rio, pseudônimo com o qual assina todos os textos e livros até o falecimento, ocorrido em 1921.

### 3 I AS REPORTAGENS E OS LIVROS HOMÔNIMOS: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

A série *As religiões no Rio* foi publicada na *Gazeta de Notícias*, de 22 de fevereiro a 21 de abril de 1904. Os 22 textos assinados por João do Rio versam sobre as diferentes religiões que marcavam presença no Rio de Janeiro da época. Os relatos levam a crer que, durante quase dois meses, o cronista-repórter ou, para usar o conceito de Julio Ramos (2008), cronista-transeunte caminhou pelas ruas da cidade para desvendar os mistérios dos rituais e da fé. Na mesma toada, ainda em 1904, organizou o livro de mesmo nome. Composta por 23 reportagens, das quais 21 foram recolhidas da série da *Gazeta*, além do prefácio e do texto intitulado “Irmãos e Adventistas”, ambos inéditos, a obra aborda o movimento evangélico, espírita, o judaísmo, entre outros.

Publicada de 25 de junho a 12 de novembro de 1911, em sua maioria, na quinta página da *Gazeta de Notícias*, a coluna *Os dias passam...* era assinada por Joe. Os 19 textos que a compõem tratam de assuntos da época, como a vida social, literária e artística do Rio de Janeiro; comentam produções literárias; trazem questões da cidade e do país, além de abordar acontecimentos internacionais. Parece mesmo, como já indica o próprio título da coluna, que a proposta de Paulo Barreto é retratar o cotidiano da sociedade carioca, reportar fatos do dia a dia. Após um ano, João do Rio lança o livro homônimo, composto pelas seções “Dias de fantasia”; “Dias de milagre”; “Dias de burla”; “Dias de observação”; “O fim do ano”, além do prefácio.

Um dado interessante a respeito da relação (ou ausência de relação) entre a coluna e o livro *Os dias passam...* é que, apesar de terem o mesmo título, nenhum texto da coluna foi publicado no livro. Para compor a obra, João do Rio selecionou textos da *Gazeta de Notícias* e de *A Notícia* publicados entre os anos 1904 e 1911 (há também crônicas de 1912, mas, certamente, nesses casos, as publicações do jornal foram inspiradas no livro. Sendo, então, o processo inverso). Alguns foram recolhidos das séries “Para o milagre/O jubileu de Congonhas” e “O balanço do milagre/O falso espiritismo”, ambas da *Gazeta*. Outros eram publicações aleatórias dos periódicos mencionados.

Compuseram *Pall-Mall Rio*, de José Antônio José, 216 textos, veiculados em *O Paiz*, de 23 de setembro de 1915 a quatro de janeiro de 1917. A grande quantidade de escritos sobre a vida na Frívola-City serviu a Paulo Barreto como matéria-prima para a elaboração do livro de mesmo título, que, além de 99 textos da coluna, contém

crônicas da *Revista da Semana*, de *A Notícia* e *O Paiz* (que não fizeram parte da coluna). No volume, constam, ainda, oito textos inéditos, redigidos exclusivamente para a nova obra. Tal constatação foi, primeiramente, apresentada por Gomes em *João do Rio: vielas do vício, ruas da graça*: “Nem todo material da coluna entra no volume. A seleção vai compor o que indica o subtítulo: ‘Inverno mundano de 1916’” (1996, p. 80).

Diante do exposto, torna-se importante, para esta pesquisa, o estudo desse deslizamento de textos – das páginas de jornal para as do livro. Nesse sentido, cabe lembrar que, ao se deparar com livros que receberam títulos homônimos a colunas e séries publicadas em jornais é, no mínimo, natural pensar que existe uma grande relação entre essas produções. A analogia acaba, de certa forma, colaborando para o pensamento de que o livro é a coletânea de textos publicados em jornal. Raimundo Magalhães Jr. consegue ser ainda mais radical ao considerar que João do Rio utilizava esse artifício para produzir grande parte de suas obras.

Com base, inicialmente, em *João do Rio: Catálogo Bibliográfico* (1994), de João Carlos Rodrigues, tonou-se possível observar quais textos publicados nos jornais foram deslocados para o suporte livro. A constatação, no entanto, deu-se a partir da leitura, fichamento e análise minuciosa de todos os textos. O estudo dos objetos confirma a hipótese de que o escritor não se limita a essa prática para produzir suas obras. Ao contrário da afirmação de Raimundo Magalhães Jr., as observações comprovam que o critério de João do Rio não se restringia à transferência de seus escritos de um suporte para outro. A proposta do autor, é importante pontuar, não era fazer de suas obras apenas uma transposição das colunas e séries homônimas, pois demonstra ter concepção do que é literatura e do que é jornalismo ao deixar fora de suas obras textos publicados nas colunas e série de mesmo título. E, mesmo em casos de deslizamentos de textos, há algumas questões que merecem ser colocadas.

Os trechos autônomos dos jornais que são deslocados para os livros, ao mudarem de suporte, não estão vulneráveis ao consumo imediato e tampouco apresentam a efemeridade dos textos jornalísticos. Apresentam-se de uma forma diferente; são frações que vão ajudar a construir o significado de um todo, no caso, do livro. No novo suporte, submete-se à linha condutora da obra, à organicidade interna do volume, ganha autonomia para ser o que autor desejar. Os fragmentos, outrora possuidores de significados distintos, agora se articulam construindo novos significados, são livros-reportagem.

No caso de *Os dias passam...*, fica ainda mais evidente o processo de construção de narrativa e a consciência por parte do autor da distinção dos suportes jornal e livro. Essas observações comprovam o que já foi sinalizado em *As religiões no Rio* e reiterado em *Pall-Mall Rio*. Com a mudança de suporte material – do jornal para o livro –, há, portanto, uma alteração de significados. Trata-se da tentativa explícita de elaboração de uma obra que transcende a matéria jornalística e a cultura de massa. A não inserção de textos da coluna *Os dias passam...* no livro de título semelhante revela



que as obras de João do Rio não são simplesmente reuniões de textos publicados em colunas e séries, como acreditavam alguns de seus biógrafos, já questionados Gomes (1996).

Nessa articulação de fragmentos, nesse tecer de trechos no processo de construção da narrativa, o prefácio dos livros do autor assume papel fundamental. No caso de *As religiões no Rio*, não é diferente. Logo, nas primeiras palavras, Paulo Barreto apresenta seu conceito de religião: “Um misterioso sentimento, misto de terror e de esperança, a simbolização lúgubre ou alegre de um poder que não temos e almejamos ter, o desconhecido avassalador, o equívoco, o medo, a perversidade...” (RIO, 1904, s/n). Ao se deparar com essa definição nada comum, o leitor consegue compreender o que motivou o escritor a penetrar nesse universo, na época, marcado pela vastidão. Em cada esquina da cidade, segundo o escritor, é possível se deparar com um templo. Há “swendeborgeanos, pagãos literários, physiolatras, defensores de dogmas exóticos, autores de reformas da Vida, reveladores do Futuro, amantes do diabo, bebedores de sangue, descendentes da rainha Sabá, judeus, schimaticos, espíritas, babalaôs de Lagos, mulheres que respeitam o oceano” (Ibidem). A diversidade de religiões revela o árduo trabalho do repórter, que fuçou lugares da cidade para dar conta das crenças dos cariocas e dos que no Rio de Janeiro viviam.

*Os dias passam...* inicia com o texto “O que ensinam os dias...”, uma reflexão sobre o passar das horas, que se apresenta de diferentes maneiras. A retórica de Paulo Barreto, nesse prefácio, se assemelha à realizada em *A alma encantadora das ruas*. Se antes a rua tinha alma, agora são os dias que a possuem: “há dias esplendorosos que parecem viúvas quarentonas a caminho do cemitério, e dias de nuvens pardacentas com os quais temos vontade de valsar e tomar champagne, quer seja no campo, quer seja nas cidades” (1911, p. 13). E não para por aí, há os dias políticos, dias financeiros, dias burgueses, dias maritais, dias poéticos, dia do amor, dia paraíso e muitos outros. São os relatos do dia a dia da *belle époque* carioca que Paulo Barreto apresenta no volume. O texto do autor se coloca à disposição dos acontecimentos, uma espécie de crônica-reportagem que passa em revista os principais fatos da semana.

Em *Pall-Mall Rio* (1917), essa marca pode, também, ser observada: João do Rio faz uma revista da estação, mais especificamente, do inverno de 1916, conforme indica o próprio subtítulo “Inverno mundano de 1916”. No prefácio, utiliza como estratégia discursiva o diálogo entre dois cavalheiros à porta de um chá elegante. O inverno, percebemos, é a estação das festas, dos eventos sociais marcados pela elegância, frequentados pela elite da época. Para alguns, apenas futilidade, como parece acreditar Humberto de Campos ao escrever *Pelle-Molle* em *O imparcial*. Para Paulo Barreto, algo muito importante para quem vive no Rio de Janeiro: “Se tu não és totalmente frívolo, toma o pacote ou suicida-te. Quem não resolver perder o tempo todo com tudo quanto é inútil, não viverá nesta cidade, dentro de muito pouco tempo” (1917, p. 7). Assim, explica que a motivação do volume é narrar o cotidiano do inverno carioca de 1916.

A bem da verdade, são raras as reportagens deslocadas do suporte jornal para o livro que não sofrem alterações. Em *As religiões no Rio*, verificamos que isso ocorre apenas em “Os Batistas” e “A A. C. M.”. Em *Os dias passam...*, só acontece no caso de “O leão do mercado”, publicado com o mesmo título em *A Notícia* no dia oito de agosto de 1909. *Pall-Mall* segue a mesma linha em “Um chá tango no Jockey” e “O teatro em sociedade”, eventos sociais frequentados pela elite da época.

No que diz respeito às diferenças observadas no deslizamento dos textos do jornal para o livro, destacamos que o processo de edição se assemelha nas três obras analisadas. Ao deslocar de suporte, há acréscimo, retirada e reescrita de trechos, colocação ou troca de pontuação, mudança na divisão de parágrafos, entre outras alterações, como veremos em alguns exemplos a seguir.

Ao ser transferida para o livro *As religiões no Rio*, a reportagem “Feiticeiros” apresenta mais informações sobre o eubá, uma língua falada pelos africanos que tem a mesma representação do inglês para os civilizados, e o fato dos cambindas ignorarem a referida língua: “Só os cambindas ignoram o eubá, mas esses ignoram até a própria língua, que é muito difícil. Quando os cambindas falam, misturam todas as línguas... Agora os orixás e os alufás só falam o eubá” (RIO, 1904, p.2).

O mesmo acontece na reportagem “As lauô” publicada no livro, que dedica a página 16 e parte da 17 aos negros cambindas, trazendo detalhes que não têm no jornal, como os seus santos e algumas cantigas. Nesse mesmo texto, vemos a mudança na pontuação. O escritor, por duas vezes, substitui reticências pelo ponto final. É nessa reportagem que ele narra como acontece a sessão de iniciação, com rezas, corte de cabelo e danças.

Alterações também são observadas em “A casa das almas”; “Os novos feitiços de Sanin”; “A igreja positivista”; “Os maronitas”; “A Igreja Metodista” e “O culto ao mar”. Percebemos, nessas reportagens, parágrafos divididos de forma diferente. O trecho, que está em um parágrafo no livro, aparece em dois no jornal. Ou o contrário.

No que se refere à pontuação, como já mencionado na análise de “As lauô”, também há distinção. Apresentam alterações as reportagens: “O espiritismo – entre os sinceros”; “Os exploradores”; “As sacerdotisas do futuro” e “A missa negra”. Na maioria dos casos, o ponto final do jornal é substituído pelas reticências no livro. Há também, em “A missa negra”, a troca de ponto de interrogação por exclamação e de ponto final por interrogação. Ao tomar conhecimento das hóstias vendidas a dez tostões por um homem que as rouba na igreja, pergunta: “É boa?”. No livro, exclama: “É boa!”.

No deslocamento para o jornal, trechos das reportagens “Os exploradores” e “Os satanistas”, por exemplo, são retirados. No caso de “Os exploradores”, publicada na *Gazeta* como “O espiritismo falso”, a epígrafe “Estude antes o espiritismo falso” (RIO, 24 de fevereiro de 1904), presente no jornal, não é mencionada no livro.

Em relação ao acréscimo, temos no livro as seguintes palavras, que não constam no jornal, e encerram a reportagem “Os novos feitiços de Sanin”: “Dinheiro, mortes, e infâmia as bases desse templo formidável do feitiço!” (RIO, 1904, p. 57). Tal

estratégia de construção de narrativa é também notada em “A igreja positivista”; “Os physiolatras”; “O espiritismo – entre os sinceros”; “As sinagogas”; “Os exploradores” e “As sacerdotisas do futuro”. Na reportagem “O espiritismo – entre os sinceros” as palavras acrescentadas revelam características do espiritismo e mencionam a doutrina de Allan Kardec. Em “Os physiolatras”, temos o maior exemplo desse caso. No livro, o escritor acrescenta mais de quatro páginas para explicar, detalhadamente, a aplicação da orthologia (ou lógica universal) aos fatos da linguagem.

Em *Os dias passam...*, também é possível observar as estratégias de composição utilizadas em *As religiões no Rio*. No texto de abertura *O que ensinam os dias...*, publicado inicialmente na *Gazeta de Notícias* em dois de agosto de 1909, há colocação de vírgulas e revisão de trechos. Em relação à troca de pontuação, o ponto final é trocado pela exclamação: “a palestra!”. O trecho: “o homem não pensa que é apenas um inconveniente, reflexo da fisionomia”, ao ser deslocado para o livro, aparece da seguinte forma: “o homem não pensa que é apenas um inconsciente, reflexo da fisionomia”. Há uma alteração da palavra “inconveniente” por “inconsciente”. Acredita-se que, no jornal, ocorreu algum problema de revisão, já que o vocábulo utilizado no livro parece fazer mais sentido. A construção da narrativa dos livros se apresenta, portanto, como uma possibilidade de rever os escritos e lapidá-los.

É importante frisar o cuidado com a organização da edição final. A cronologia do livro não obedece à do jornal. “Uma porção de mediuns”, por exemplo, assinado por João do Rio, foi veiculado na *Gazeta de Notícias* em 12 de janeiro de 1908, enquanto “Curandeiros” aparece em 30 de janeiro de 1908. No entanto, no novo suporte, “Uma porção de mediuns” sucede “Curandeiros”, fato que acontece, também, com os demais textos. Os três últimos textos do livro seguem a cronologia do jornal, como se pode observar: “As pilhérias dos médiuns” foi publicado em 22 de janeiro; “Os médiuns repetem-se” em 10 de fevereiro, por fim, “Fala o dr. Afrânio Coutinho”, encerrando a série em 13 de fevereiro de 1908 e, também, a seção “Dias de burla”.

Ao recolher os textos da série no livro, Paulo Barreto, como vimos em outros casos, prepara um novo material. Esse cuidado é evidenciado em diversos escritos do livro em discussão. No texto “Os exploradores do espiritismo”, troca “em que” por “sob a qual”. Em “Visita à fábrica de gás”, o escritor narra uma saída com M.mme Córa Assumpção, M.lle Argemira da Costa e Barão Belfort. O objetivo da tarde era ver como se faz o gás da iluminação. “Visita à fábrica de gás” é, claramente, inspirado em “Os fornos da iluminação”, publicado no “Suplemento Ilustrado” da *Gazeta de Notícias* em sete de agosto de 1904. Ao ocupar as páginas do livro, ganha outro título, sofre alterações de ordens e acréscimo de trechos, além da mudança de parágrafos no processo de deslizamento de suporte. O texto, que foi publicado em 1904, é um dos que encerram o livro. Ao acrescentar fechamento ao texto, João do Rio aumenta o tom crítico, uma de suas marcas, na fala de Belfort: “Minhas senhoras, não queiram nunca ver o quanto custa o nosso conforto ao resto da humanidade. As senhoras vieram com medo. A verdade apavora. Eu vim com o desejo de queimar a iluminação... Nunca

mais!” (RIO, 1912, p. 370).

Na mesma toada, vale tratar também de “Gente às janelas”, originalmente veiculado em *A Notícia* no dia 19 de junho de 1910. Na crônica, por meio de um diálogo com um estrangeiro, fala sobre a mania do carioca de ficar à janela. O estrangeiro acredita que as pessoas estão esperando algo acontecer, João do Rio explica a razão da mania: “a janela é a escápula do lar sem dele sair, é o conduto da rua sem os seus perigos, é o óculos de alcance para a vida alheia, é a facilidade, a economia, o namoro, o amor, o relaxamento, o fundamental relaxamento...” (Ibidem, p. 349-350). No que se refere às alterações ao transferir a crônica para livro, notamos retirada de trecho, troca de vírgula por ponto e vírgula e a oportunidade de consertar o que às vezes não é possível no jornal.

A última seção do livro “O Fim do Ano” é composta por um único texto, de mesmo título da seção. Inicialmente, parece tratar do tempo, mas logo notamos que, na verdade, a intenção é discutir como nós, sujeitos de nossa vida e existência, lidamos com o avanço das horas. Como mote, ele usou a expectativa em função da virada de ano. O texto publicado na coluna *Cinematographo* da *Gazeta de Notícias* em dois de janeiro de 1910 fala sobre a espera do ano 1910. Ao ser levado para o livro, o escritor prefere não datar e a opção é a espera do “Novo Ano” (Ibidem, p. 421).

A análise de *Pall-Mall Rio*, publicado em 1917, reitera o que foi pontuado a respeito do processo de construção dos outros *corpora*. Em “Na legação da Argentina”, texto sobre recepção organizada para o ministro Sr. Dr. Leitão da Cunha, na rua Senador Vergueiro, observamos a troca de “senhorita” por “senhorinha”, ao se referir a Vera Barbosa e Astréa Palm. Na mesma linha, “Público de conferências”, quando publicado no livro, não apresenta o seguinte trecho que consta em *O Paiz*, 27 de setembro de 1915: “ela que aliás tanto brilha pela inteligência cultivada nos nossos salões”. A correção do original também é realizada neste volume: “Arte da pupula” é substituído por “arde na pupila”; o vocábulo “palavras” alterado por “palmas”: “Ao terminar a conferência, entre as palavras a Cyro Costa, um amigo trava-me do braço” (jornal)/ “Ao terminar a conferência, entre as palmas a Cyro Costa, um amigo trava-me do braço” (livro, p. 124).

“Hora do chá”, publicado no jornal em 20 de maio de 1916, trata do costume de tomar chá às cinco da tarde. Ao percorrer as casas de chá, João do Rio observa a elegância dos frequentadores: “Hoje, o chá é a hora do chá, é uma hora dilatável em todos os relógios, é a hora especial em que as belezas se acentuam mais, em que o internacionalismo dos costumes aquece de uma quase sinceridade urbana, é a hora para as senhoras serem admiradas.” (1917, p. 169). Neste texto, “ou no tempestuoso Rumlinos do Alvear” (Ibidem, p. 167) era na página de *O Paiz*: “ou no tempestuoso Rumpelmeyer. E depois, para concluir, o chá com violinos do Alvear”.

Para apresentar nova versão de relato de uma sessão da Academia Brasileira de Letras, também recorre aos recursos gramaticais. A vírgula do jornal é retirada no livro em: “Quanto menos eleições melhor” (Ibidem, p. 267) e “Fora a noite era de veludo”

(Ibidem, p. 268). O mesmo acontece em “A festa do patronato”, sobre a estreia da peça “Um chá das cinco” no Teatro Municipal. No livro, há acréscimo do adjetivo amável para caracterizar a senhorinha Odette Gasparoni e alteração da palavra “mesmo” por “momento”: “Mas é o mesmo chá das cinco” (jornal)/ “Mas é o momento do chá das cinco” (livro, p. 297).

#### 4 | CONCLUSÃO

A partir do levantamento realizado, é interessante notar que a prática de adoção de pseudônimos por parte de Paulo Barreto se faz presente nas produções para os veículos de imprensa. Em seus livros, o autor não é Paulo Barreto, nome de batismo, tampouco um dos demais pseudônimos. É João do Rio, identidade construída a partir da relação com o espaço urbano.

A cidade do Rio de Janeiro, em transformação, apresenta-se como matéria-prima para o cronista e – por que não dizer – também como palco de representação para um artista que surge travestido de jornalista. Dessa forma, ao produzir como um homem de imprensa, protege o homem de letras. Ou melhor, nas palavras de Renato Cordeiro Gomes, “o pseudônimo-eu é um produtor de textos, um operário discursivo, que não se confunde com o sujeito da obra. Assim, o cronista preserva o Artista” (2005, p. 16). Para preservar João do Rio, surgem os “eus”, sobre os quais nos fala Foucault. E, aqui, os “eus” têm nomes. E são muitos: Paulo Barreto; P. B.; Claude; José Antônio José; Joe; Godofredo de Alencar; X.; X. de J.; P.; Paulo Alberto; José; Paulo José; Simeão; Máscara Negra; João Coelho; Caran D’Ache; Z.; Flaming.

Ao analisarmos o processo de deslizamento de suporte dos textos escritos por Paulo Barreto para jornais, além da questão da autoria, foi possível dimensionar e observar a utilização de outros recursos na organização, especificamente, de seus livros *As religiões no Rio*, *Os dias passam...* e *Pall-Mall Rio*. Assim, é possível perceber a consciência crítica do autor em relação ao fazer jornalístico e literário. Percebemos, mais uma vez, o trabalho criterioso de João do Rio ao deslocar textos de um suporte para o outro. Antes de estarem na nova materialidade, as palavras são analisadas e apenas permanecem se o escritor acreditar que assim deve ser. Caso contrário, como vimos algumas vezes neste estudo, são modificadas, acrescentadas, suprimidas em função da nova narrativa. Dessa maneira, evidencia o que entende por jornalismo e por literatura. E, por fim, se revela homem de imprensa e escritor.

#### REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992.



GOMES, Renato Cordeiro. **João do Rio**: velas do vício, ruas da graça. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

GOMES, Renato Cordeiro. **João do Rio** / por Renato Cordeiro Gomes. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

JOE. Cinematographo. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 1907-1910. Semanal.

JOSÉ, Antônio José. Pall-Mall Rio. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 1915-1917.

RAMOS, Julio. **Desencontros da modernidade na América Latina**: literatura e política no século 19. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RIO, João do. As religiões no Rio, **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 1904.

RIO, João do. **As religiões no Rio**. Paris: Garnier, 1904.

RIO, João do. **O momento literário**. Paris: Garnier, 1905.

RIO, João do. **Cinematographo**: crônicas cariocas. Porto: Chardron de Lello & Irmão, 1909.

RIO, João do. Os dias passam.... **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 1911.

RIO, João do. **A profissão de Jacques Pedreira**. Paris: Garnier, 1911.

RIO, João do. **Os dias passam**. Porto: Lello & Irmão, 1912.

RIO, João do. **Crônicas e frases de Godofredo de Alencar**. Lisboa: Bertrand, 1916.

RIO, João do. **Pall-Mall Rio**: o inverno carioca de 1916. Rio de Janeiro: Villas Boas, 1917.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**: crônicas; organização Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RODRIGUES, João Carlos. **João do Rio**: catálogo bibliográfico. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de palavras**: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Tradução de Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-388-0

